



Há vida no não vivido

Marcia Borges

poemas

2020



M a r c i a B o r g e s

Meu nome é Marcia Borges.

De mim digo pouco. Sou curiosa, isso me faz gostar de aprender. Generosa e solidária, isso me faz gostar de ensinar.

Assim, tornei-me professora/aprendiz.

Amo a poesia da vida. No meu primeiro e-book "Ave aves!", presenteio a todos com passarinhos. Eles contribuem muito para minha alegria de viver, comungam com pétalas, perfumes, cores, infinito. Fazem-me tremer e elevam-me.

O segundo e-book de haicais, "Móbile cantante", une os desenhos de Maria Dolores Wanderley à minha visão mágica da natureza. É um universo em movimento, ninado pela musicalidade de concisos versos que buscam uma simplicidade harmônica.

Sonho com que "Móbile cantante" continue a oferecer embalo.

"Fina sintonia" é o retrato dos meus encontros com a natureza. As fotos foram tiradas por mim. Com este e-book de haicais, completo uma trilogia que, de algum modo, reflete a minha trilha pela vida, o meu amor pela natureza.

Os poemas são a linguagem essencial para expressar meu universo particular.

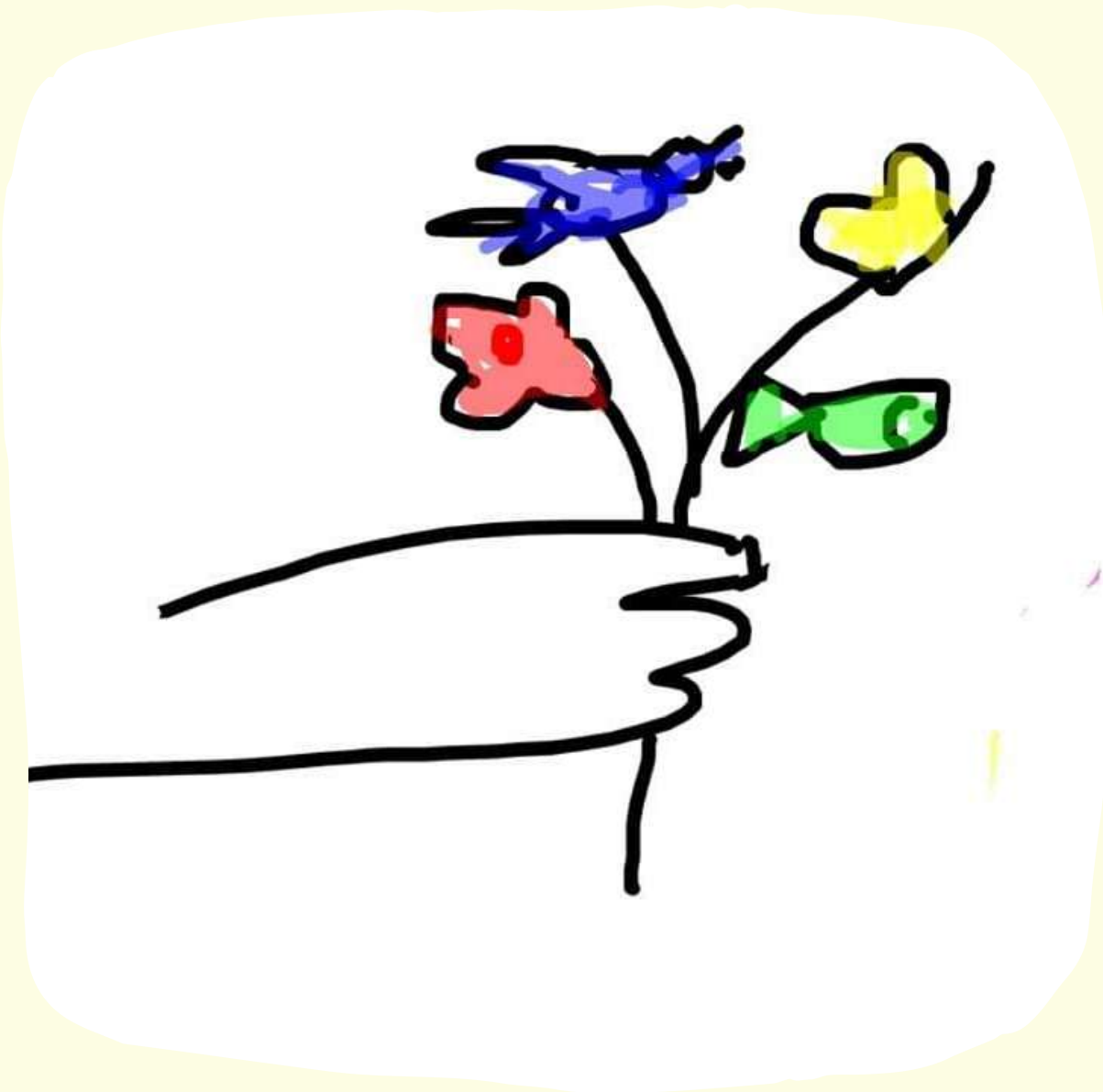
Gosto muito de participar desse fazer poético que dá nascimento ao e-book.

Este novo e-book é uma reunião de pequenos poemas que escrevi ultimamente. Refletem meu modo de viver para além do aqui-agora. São dedicados a uma amiga que partiu, mas nunca se fez ausente. Também representam uma forma de agradecer a outra presença diária no meu universo particular, a amiga Roseana Murray, cor-luz-brisa no cume de uma montanha de sonhos.

Duas pessoas foram fundamentais para que o e-book ganhasse vida. Margareth Magalhães Neves, amiga carinhosa, prestativa, excelente ouvinte. Jiddu, o dedicado criador, responsável por grande parte da beleza da apresentação do livro.



In memoriam de Angela Lago, a amiga que me acompanha.



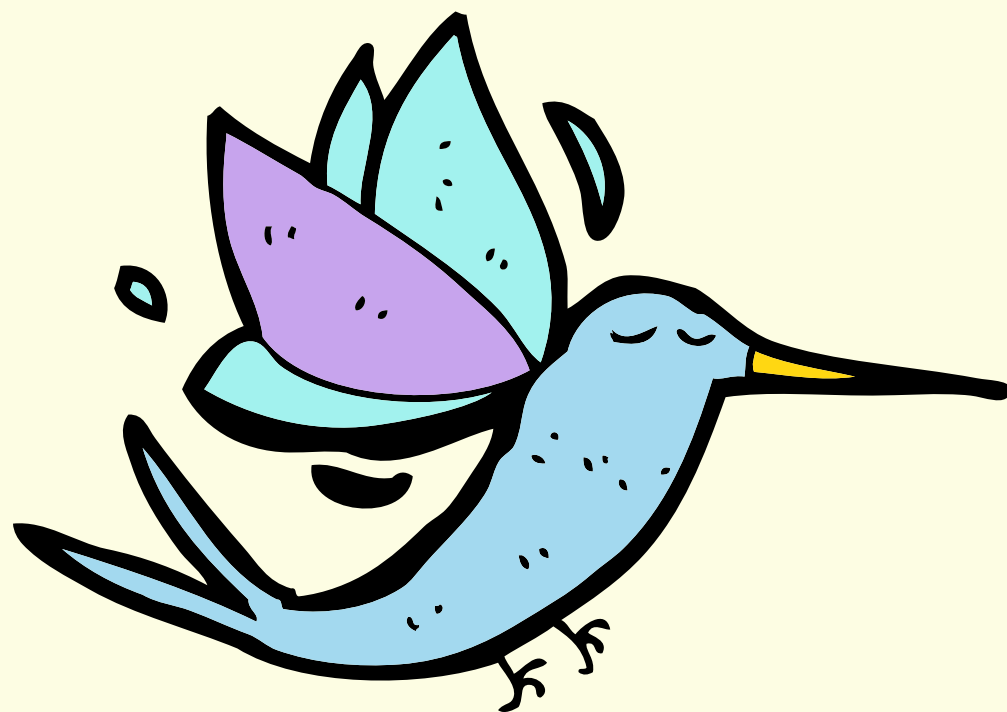
Você é o amarelo que canta
A pedra dentro da mão
A casa haicai.

Você, o menino Drummond
Os meninos na rua
O rio de Heráclito
A chave de Borges
O Rilke, o elo em Émile.

O serrado em flor
Você, a jardineira de encantos

À mãe dos Cânticos.





**Agradeço à amiga Roseana Murray,
vaga-lume nas minhas trilhas pelo
poético.**

Vem cá, amiga querida,
quero te dar
um abraço.

Quem sabe eu ainda te mande
um Chagall todo azul?

E se eu enchesse o seu kindle
de Amós?

Levasse no colo um feixe de cores
com perfume do mais tenro amanhã?

Ah, posso também na tua janela
no berço da montanha
plantar um filhote de onça
na liberdade da aurora
sob as flores do flamboyant

Trazer de Saturno
mil colares e anéis
e rechear os teus pães
com o néctar da paz.

Ah, amiga querida,
e se eu conseguisse
colher dos teus versos
o sumo da poesia
a essência do amor?

Eu quero agora enviar
para a casa de pétala amarela
da poeta
da sonhadora
mil beijos de beija-flor.





*Nesse trecho quase apagado
do meu diário-do-não-vivido
conversamos sobre solidão.
E falamos de pássaro, vento,
poeta, amigo.*

*Não vi tuas mãos tocarem
mas te enviei flores, amarelas
para perfume das notas do teu cello.*

*Foi tudo sem despedidas
combinado ficou apenas um encontro.
Chega agora aqui o teu silêncio. Espera.
Vou abraçá-lo.*





*O poema é asa
de pavão
a ostentar a beleza
da pluma
e o pé nu.
É preciso o voo entre
a voz e o vulto do invento.*





*No dia em que você se foi
um beija-flor veio até mim.
Deu voltas à minha volta.*

*Estancou o meu olhar.
Bico penas e brilho.
Era verde, era azul
o céu também, azulzinho.*

(Colori pra você agora)

*Que mistério, meu bem,
rodeia as voltas da vida?
Que sentido tem um beijo
e a ausência da flor?*





*A chuva chegou mansa
pisando pé ante pé
agora pela manhã*

*Tive vontade que entrasse
que me puxasse pra cirandar
aqui na varanda*

*Não veio fininha
não era um chorinho
tamborilava uma canção*

*Chagall levantou as orelhas
no meio do sono
aninhado de nuvens*

*Apertei o travesseiro
fiz céu de lençol
e deslizei azul.*





*A casa roda
A panela chia
Chagall late quente.*

*Já visitei a varanda
onde por hora a roupa bate.*

*Não tanto quanto mon coeur,
que balança entre dois, três
recuerdos da infância.*

*E a panela chia
uma criança longe chora.
Espanca-se?*

Algo balança.

*A casa gira
no domingo sem cachimbo
na força do agora.*

*com perfumes, com flores
a árvore treme
mas isso é lá fora..*



*Com fios de sensações
cirzo uma pauta musical.
Pincelo gotas
que sutis soltam-se do céu.*

*Trazem uma alegria súbita
e sem estranhamento
acalantam-me a solidão.*

*Um vibrato fora do tortuoso
território das inquietações
escala minhas angústias
projeta um lume transitório:
pacato canto de paz.*





*Faltou-nos um banco
no quintal
para permitir
antes da tua partida
mais ângulos
dos teus versos.*

*Um toque de prosa
Um tico de pinga
recortes de rima*

*Faltou um horizonte
onde o sol tornasse
o amarelo da bailarina
o abrigo do colibri.*

*O que me visita
quando a saudade
esvazia a tarde
e a janela que projeto
está trancada.*





*Porque a chuva que bate aqui
não é chuva
eu me lembrei de você
da sua última chuva
que quando a mim chegou
era poema.*





*Um cão ladra
na noite.
Não diz que lhe tiraram as estrelas.
Talvez seja eco
sem projeções.*

*As horas transcorrem
impávidas.
O céu nada sabe
de melancolia
nem de indiferença.*

*Mas quando um pássaro desliza pelo
horizonte
entre o sol e a neblina
o trêmulo das penas adianta
o arco-íris
se abaixo dele a mão preenche a folha
com seus brancos.*



*Porque chove muito
tenho medo de abrir
teus poemas.*

*Algumas noites chovia
e vinhas com versos
que desejas cortar.*

Não era isso? Também.

*A chuva está aqui
e teus versos nas páginas.*

*Dobrá-las
é um desafio constante
como hoje.*

*E teus versos voltam
entre um toque e outro
da chuva que vem
para as páginas
das horas.*

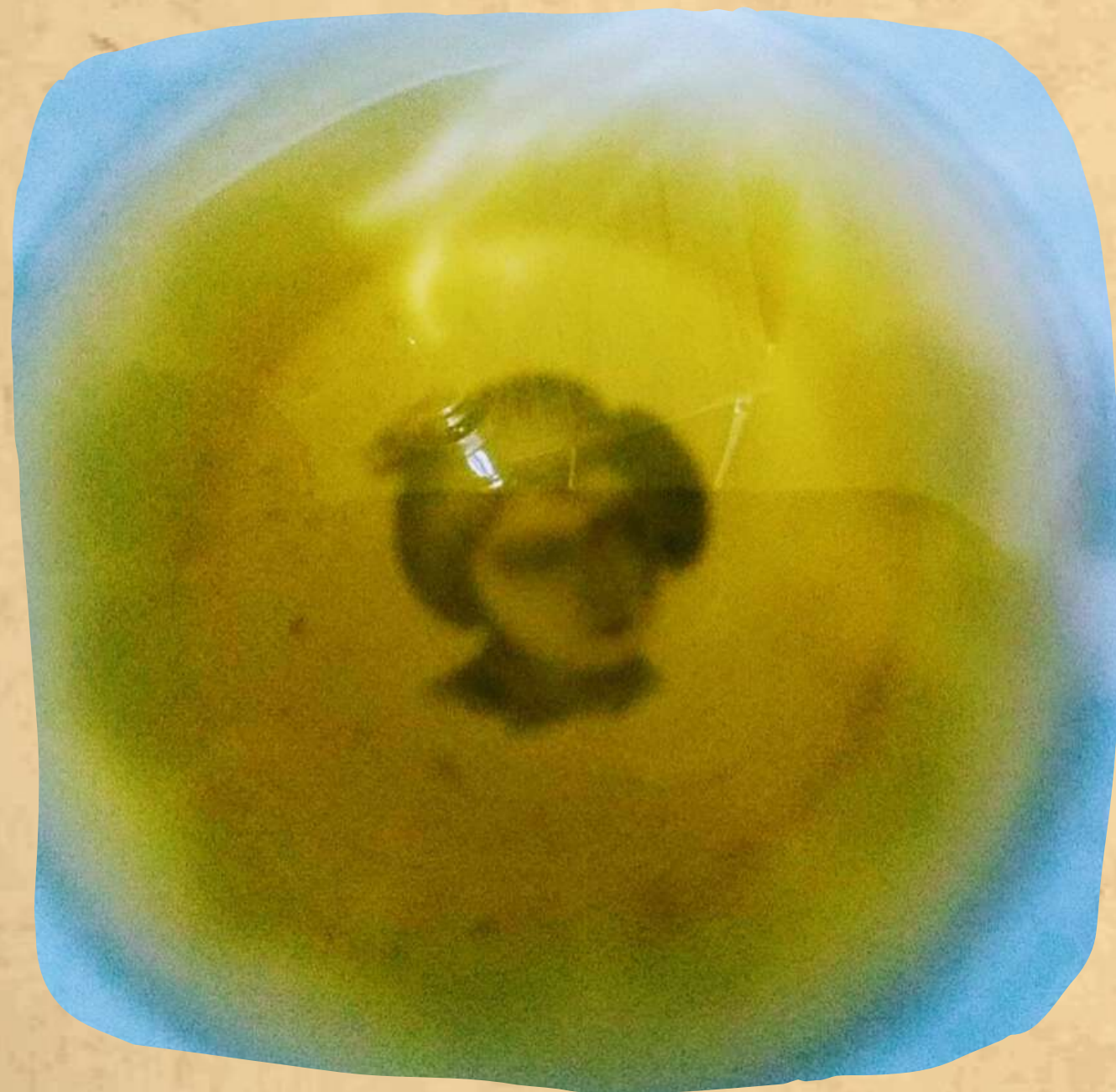




*Na manhã de hoje
caminhei cinquenta anos
em uma hora.*

*Na manhã de há pouco
dei a mão ao meu bairro
caminhamos frágeis
pela infância do agora.*

*Nesta manhã fui
o que sou a mais
dentro/fora.*



*Para que versos?
Resmunga uma voz em mim.
Mas em cada sílaba você desfila
Imagem após imagem
sorri.*

*Às vezes aponta o dedo
para uma rima desengonçada.
Rimos junto.
Com um buril
sigo lavrando
até florescer a margarida do campo.
Toda sua.*



*Se você estivesse aqui
eu sairia em busca de um trevo
de quatro folhas.*

Caminharia por campos e jardins.

*Assim provaríamos a sorte
de atravessar o tempo
a cuidar de pétalas
com palavras de cetim
e os sons do seu cello.*





*Depois daquela ausência
cobriu-se de cinza
recolheu seus pássaros.*

*Os dias acanharam-se
para serem tristes.*

*Mas entre as horas
as janelas atravessam.*

*O céu nasce
querendo seu azul
e pelas ruas seguem
os que ainda nomeiam
as estações.*

*Até a brisa pode ser
uma escala
o anúncio
de um certo voo.*





*Cada gota de chuva
é uma nota, uma sílaba
dos poemas que ainda
estão por ser.
Trago para o agora
o seu modo de me ouvir.
A suave diagonal
que seus cabelos
desenhavam para o conforto de escutar.
Imito-a
e sei que a pauta
não virá com os pingos.
Surgirá quando a saudade se deixar embalar
e no vazio ouvir o eco dos seus passos.*



*A tristeza é bicho de cauda longa.
Anfíbio saindo
pelas margens
pouco a pouco
revela um corpo.*

*Arrasta-se pela areia do peito
encobrindo o terreno.*

*Os olhos são desabamentos
foge-lhes o brilho
deixam-se nublar.*

*As mãos sem toques
encolhidas
dissonantes.*

Um deserto a atravessar.



*Chove
pausadamente
e a canção que você não
escreveu
insinua-se
num ritmo
sincopado.*

*Vem como notas
da memória
que abraça
o bonde, o trem
esses trilhos celestes
espichados na infância.*

*E as notas saem do sino
da pulseira
que você me deu*

*que a pedra do meu quintal
fez soar secretamente
naquela manhã
sob a amendoeira.*

*Chove no parque
e a roda-gigante
dança uma gigantesca ciranda
para todas as crianças
para todos os tios.*



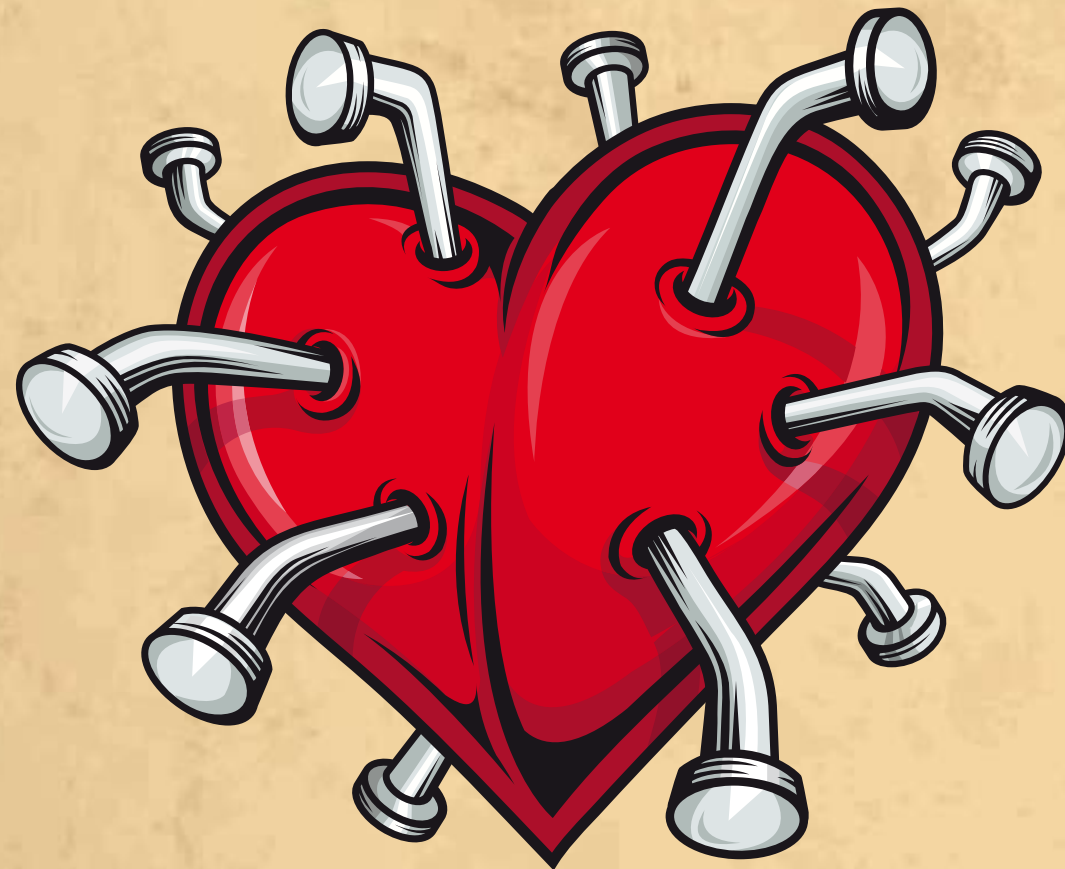


*Há dias que acordam
como se buscassem uma nota.*

*A melodia do tempo vive
o passo em direção ao sonho
um olhar voa
para trás.*

*Dias que nos escutam talvez
para que na neblina da aurora
a memória toque com ternura
o berço das precárias ilusões.*





*Já morri várias vezes
muitas por amor
mas tantas outras
por motivos vários.*

*Ressuscito
sempre por amor.*





*Ontem atrás das águas dos olhos
a mata dançava irreverente
eu deitada viajava territórios
arquitetados no dentro da gente.*

*Girafas verdes me contavam
através do vento no bambuzal
que mil e duas histórias chegam
das minhas áfricas nesse quintal.*

*A cortina perdeu transparência
a brisa abraçou o vendaval
a imagem trouxe asa de essência.*

*Pedi pai que no colo me subisse
mão que no solo me amparasse.*





*Olho o mar.
Quantas braçadas?
A que ilha chegar?*

*Por que te calas, Tirésias?
Sopra ao meu ouvido
sentença mais branda
que o eco de vozes idas!*

*Liberta-me dos ventos
que trazem o sal da pele
dos naufragados à margem.*

*Anuncia aos céus
sinos de alguma esperança
depois dessa guerra.*





*Hoje fiz dia de livramento
livrei as coisas das coisas
algumas coisas de mim.*

*Coisas soltas sem fio
da memória pedem alforria
e eu saí assinando.*

*Um sorriso escondido
de recatada alegria
pé solto de viagem adiada
olhos acesos
no vazio.*





*A equilibrista sorri
e sabe que o espetáculo
só é uma sensação
pela possibilidade
da queda.*

*A equilibrista atravessa
com mais paixão
nosso curto fio
em evidência.*





ORNITORRINCOBALA EDIÇÕES

POEMAS DE MARCIA BORGES

PRODUÇÃO GRÁFICA – JIDDUKS

[CLIQUE NO BOTÃO PARA PEGAR MAIS E- BOOK GRATUITOS DA AUTORA](#)

